



O DESBRAVADOR

ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"

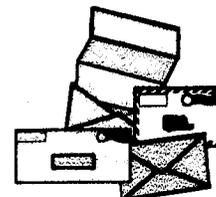


**"E Eu te digo que tu és Pedro,
e sôbre esta pedra edificarei a minha Igreja,
e as portas do inferno não prevalecerão contra Ela."
(S. Mateus, cap. XVI, 18)**



Nosso Senhor não falou em "minhas igrejas" mas "minha Igreja",
única e verdadeira. E Ela é a Santa Igreja Católica Apostólica Romana,
Mãe e Mestra da Verdade.

Escrevem os leitores



"...Tenho recebido regularmente o seu... porque não dizer o nosso periódico? Sim, o nosso, pois já sinto que o Desbravador também é meu, pois comungo com suas idéias e verdades nele expostas. E porque meu, tenho procurado propagá-lo, reproduzindo-o em cópias xerox e remetendo-as a Amigos e conhecidos, para que, também eles possam desfrutar das riquezas semper antiqua e semper nova que contém:

- *sã doutrina*
- *exemplo de vida dos santos;*
- *citações de pensamentos de Santos;*
- *coragem dos nossos editores aliada a sua santa teimosia de não deixá-lo morrer, da que comungo, colocando-me ao inteiro dispor dos meus amigos..."*

FAUSTO RODRIGUES DOS SANTOS
RIO DE JANEIRO - RJ

"Estou remetendo-lhes um donativo de

Estou cada vez mais encantado com esta revista. Seu conteúdo é um alimento para a Alma. Por isso, minha alma necessita dela.

Agradeço o seu envio e peço a Nossa Senhora que os abençoe nesta causa tão Nobre, empreendida por Ela.

FRANCISCO FERNANDES SENRA
BELO HORIZONTE - MG

"Minha família e eu achamos o "Desbravador" uma benção e um exemplo de leitura esclarecedora que enriquece religiosa e culturalmente nossas cabeça, principalmente nos dias atuais.

Que Deus os ajude e ilumine muito.

VERA FLORINDA FRAIGE
SÃO PAULO - SP

"Estou remetendo dois cheques (um meu e um de minha irmã - Dulce Magalhães) como contribuição para o Grêmio Santa Maria (O Desbravador).

Que Deus o ajude a continuar seu importante trabalho.

DEUSNILCE DE MAGALHÃES
RIO DE JANEIRO - RJ

"Rogo a Nossa Senhora Aparecida que proteja os senhores.

J. LUIZ DE VIEGAS
JUNDIAÍ - SP



O DESBRAVADOR

PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO "SANTA MARIA"

DIRETOR
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
PE. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
ANSELMO LÁZARO BRANCO
MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATOS
JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO
PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
RONILSON VERÍSSIMO
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS SILVA

SECRETARIA
PATRICIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO MAZZI RUFINO
SHEFFERSON SANDER FERREIRA

EXPEDIÇÃO
JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
ROGÉRIO VERÍSSIMO
MANOEL RAIMUNDO S. MOURA

COMPOSIÇÃO
ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"



CORRESPONDÊNCIA
CAIXA POSTAL - 6416
01064 - 970 SÃO PAULO SP

Editorial



Os tempos em que vivemos são conturbados. E essa conturbação é maior no campo religioso. Há uma proliferação enorme de seitas. Umhas de origem oriental, outras se dizendo cristãs, outras descambando para o exoterismo, o ocultismo, a magia negra.

Nesse quadro, surgem vozes que mais contribuem para confusão, ao dizer que toda crença é boa pois "falam de Deus". Ou seja, erro após erro, loucura após loucura.

Não há engano. A verdade é uma só. Nosso Senhor Jesus Cristo, Nosso Salvador, Nosso Deus, não falou em minhas igrejas, mas em Minha Igreja. (São Mateus, cap. XVI) E disse que as portas do inferno não haveriam de prevalecer sobre Ela, ou seja, esta Igreja (a de Jesus Cristo) existirá sempre e jamais será destruída.

Portanto apesar das crises, apesar das seitas, apesar do mundo atual, uma certeza temos: A Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo jamais será derrotada. E esta Igreja é a Católica, Apostólica, Romana, pois foi fundada por Nosso Senhor e a história nos diz que de Jesus Cristo até hoje, Ela sempre existiu ininterruptamente.

Isto é para nós uma jóia e uma alegria: sabermos que nossa Igreja tem Nosso Senhor como fundador e que jamais será destruída. Mais, somos membros dela. Malgrado nossa pequenez e miséria, somos católicos.

Conceda-nos Maria Santíssima a graça de cada vez mais amar esta Igreja e dedicarmos nossa vida por Ela e por Ela morremos, se preciso for.

A Ousadia de Fazer o Bem

Quantas vezes nos sentimos impelidos a fazer o bem? Muitas, muitíssimas. Quantas vezes, somos generosos e fazemos o bem? Muito poucas vezes.

Alegando motivos humanos, desculpas esfarrapadas, deixamos de realizar as boas obras que Deus quer que façamos.

Nessas horas, fala mais alto - infelizmente - o comodismo, o respeito humano, a preguiça, a falta de generosidade. E depois nos escusamos com desculpas que nada mais são que desculpas.

Outras vezes, o bem é feito, mas tão amesquinhado, tão preso a misérias humanas, que deixa a desejar. E, novamente, chovem as desculpas, fazendo do bem uma espécie de ave sem vôos.

Para se fazer o bem não se pode estar preso a razões de falsa prudência do mundo. Para se fazer o bem é preciso ter ousadia.

Sem coragem, sem destemor, não se faz o bem, ou então o bem não é o que deve ser. E isso vale principalmente quando se trata de fazer bem às almas.

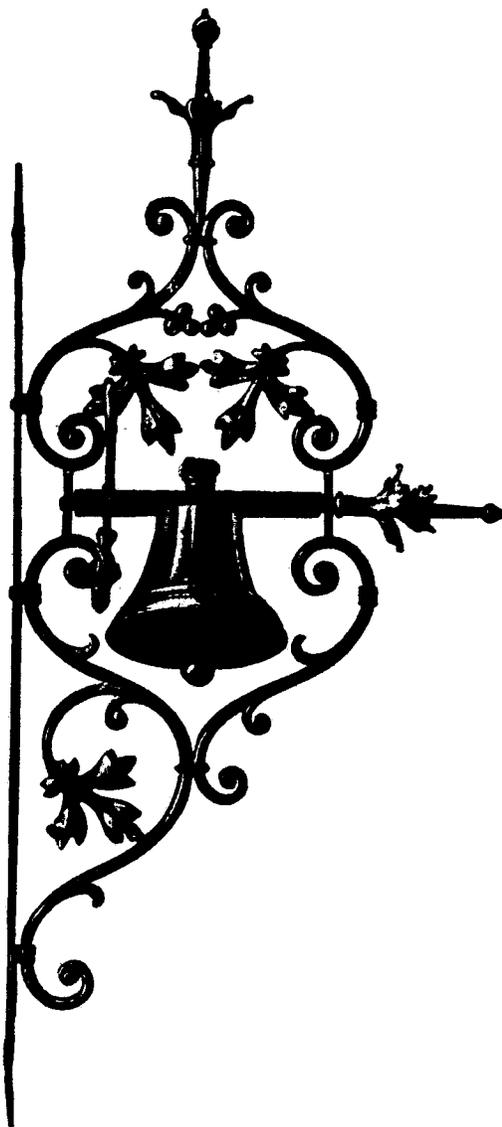
Então aqui nos lembramos de uma belíssima passagem na vida de São João Bosco. Na sua ânsia de salvar almas Dom Bosco não media esforços e era ousado até o extremo.

Certa ocasião, ele viu uns jovens jogando dados e se aproximou. Os jovens se assustaram. Dom Bosco diz apenas que também jogava. Jogou e ganhou dos jovens e se pôs em disparada pelas ruas de Turim, levando os dados e o dinheiro em jogo, dentro de um lenço. Os jovens o seguiam gritando para que devolvesse o dinheiro. Ele dizia que devolveria, mas que eles o seguissem. Por fim, se encontram no oratório e os jovens se vêem diante de um sermãozinho do Padre Borel, amigo de Dom Bosco, que com ele dialoga sobre a feiura do pecado.

Ao final, D. Bosco devolve o dinheiro aos jovens, dá-lhes algumas balas e consegue que eles sejam frequentadores do oratório, aonde irão se converter, e se santificar. A ousadia do santo havia valido.

Se isso era assim no século passado, não será hoje, neste corrompido fim de século, tanto ou mais necessário?

Sejamos ousados! Façamos o bem. Combatamos o mal. Tudo isso, sem ligar para comodismos, interesses ou mesquinhas. Sejamos ousados, por Deus e para Deus.



Lutero: "um grande reformador?"

Em nosso número de setembro de 1980, publicamos o seguinte texto no editorial

"Se Ela nos guiar chegaremos seguramente ao Reino de Deus. Se Ela nos proteger venceremos todas as tentações e todos os perigos. Com Seu Maternal Auxílio e Seu Perpétuo Socorro serviremos, apesar de nossas fraquezas, a Deus Nosso Senhor".



Martim Lutero (Gravado de Lucas Cranach)

Em função disso recebemos a seguinte carta:



E na página 8 o seguinte artigo:

"É BELO MAS NÃO É PARA NÓS"

É belo o céu, mas não é para nós. - Martinho Lutero, fundador do protestantismo, frade apóstata e reformador da Igreja para não reformar os seus costumes, passeava triste uma tarde de estio com a sua indigna companheira. Esta lhe fazia toda a diligência para lhe levantar o ânimo: mas baldadamente. Apontando-lhe então o céu estrelado, disse-lhe: Olha como é belo. - É belo, murmurou lugubrememente Lutero, mas não é para nós. - Podemos, todavia, voltar atrás, emendar-nos, replicou a companheira. - Não, respondeu Lutero, é tarde demais: este modo de vida não se muda. - Triste verdade!

Floreal, 14 de novembro de 1980.

Ao Jornal

O Desbravador

São Paulo - SP

Estou escrevendo indignado com o vosso atrevimento ao relatar passagens da vida do grande reformador da Igreja, não sendo verdadeiras. Sou cristão da igreja anabatista de Floreal e queria lhes dizer que na própria Bíblia está escrito: "Não dirás falso testemunho contra o teu próximo". Gostaria também de observar o que li na página 3 do jornalzinho de setembro: "Se Ela, Virgem Maria, nos guiar chegaremos ao Reino de Deus".

Pergunto também se tiveram fundamentos bíblicos para dizer isto, sendo que na própria Escritura Sagrada está escrito: "Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (Evangelho de João, 14, 6).

Grato pela atenção e

Esperando resposta

Rivanor Aldo Y. Limoges

A nossa resposta:

LUTERO: "UM GRANDE REFORMADOR?"

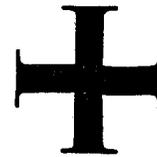
Resposta a uma missiva

As pessoas que se deixam dominar pelo nervosismo oferecem um espetáculo lamentável. Vejam o caso do Sr. Rivanor: parece que a "indignação" cegou de tal forma, que ele até se esqueceu de dizer em sua carta quem é o "grande reformador a qual ele se refere, e quais são as passagens de sua vida que nós tivemos o "atrevimento" de relatar, "não sendo verdadeiras"...

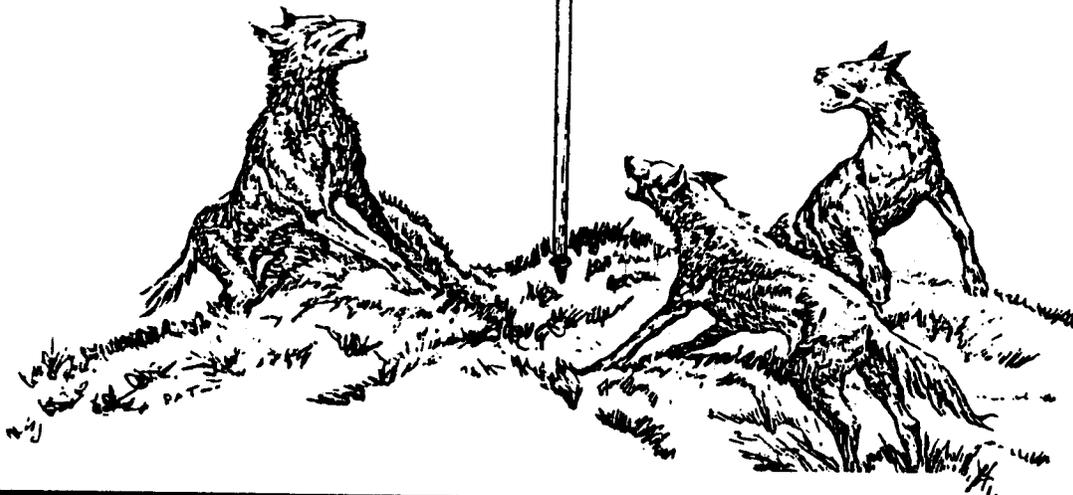
Mas como ele se afirma "Cristão da Igreja Anabatista" (uma das centenas de seitas em que se pulverizou o protestantismo), podemos supor que o "grande reformador" seja o frade apóstata Martinho Lutero, e as "passagens" de sua vida que "não são verdadeiras" seria aquela única passagem que figura em nosso número de setembro, onde relata uma conversa de Lutero com Catarina de Bora, freira cisterciense também apóstata, e com a qual o "grande reformador" viveu em estado de escandaloso concubinato.

A citação que deixou o Sr. Rivanor tão "indignado", nós a retiramos do "Novo Manual do Catequista", do teólogo Giuseppe Perardi (pag. 428 da 4ª. Edição, Lisboa, 1948). É um livro incontestavelmente sério, tendo sido inclusive elogiado por São Pio X. Mas para o Sr. Rivanor, esse livro certamente terá um defeito medonho: é um livro católico...

Pensando nisso, e para tranquilizar a delicada consciência do Sr. Rivanor, e ao mesmo tempo prevenir novas "indignações" que podem inclusive ser prejudiciais à saúde, resolvemos pesquisar um pouco mais o assunto. E eis que na "Enciclopédia Universal Ilustrada Europeo-Americana", (editada em Barcelona por "Espasa e Hijos"), no volume IX, pg. 71, verbete "Bora, (Catarina de)", encontramos exatamente a mesma citação. A enciclopédia cita uma biografia de 13 livros para documentar o que escreveu. Cremos que isto bastará para sossegar até as consciências mais escrupulosas.



Conhecia o Sr. Rivanor essa documentação? Se conhecia, por que nos acusou de atrevidos e mentirosos? Se não conhecia, por que não pesquisou a veracidade da afirmação, antes de atacar? Lembre, Sr. Rivanor, que na Bíblia está escrito: "Não dirás falso testemunho contra o teu próximo" (Êx, 20, 16)...





LUTERO, um “grande reformador”?

Mas nós preferimos acreditar que o Sr. Rivanor está bem intencionado, e que não conhece a vida de Lutero a não ser por “ouvir dizer”. Pois se ele realmente tivesse lido alguma coisa séria a respeito do apóstata de Witemberg, ainda que escrita pelos próprios protestantes, nunca teria a coragem de o chamar de “grande reformador da Igreja”. Vejamos algumas passagens da vida desse “grande reformador”, segundo os próprios documentos protestantes:

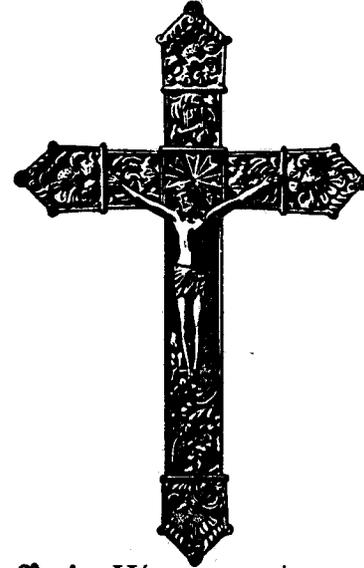
Quebra do celibato: Em 1521, Lutero escrevia a um conhecido: “Santo Deus! Os nossos witembergenses quererão casar também os frades? A mim é que não hão de impingir mulher...” (1)

Quatro anos depois, o tom já era outro: “... Se posso, a despeito do demônio, ainda hei de casar com minha Catarina, antes de morrer”. (2) Lutero a chama de “minha Catarina”, porque há tempos já vivia com ela... Grande reformador da Igreja!

Bebedeira: Em 14 de maio de 1541 manda dizer à “sua” Catarina: “Aqui passo o dia todo no ócio e na embriaguez” (3) Grande reformador da Igreja!

Rudeza e falta de educação: O protestante suíço Bullinger assim escrevia a respeito de Lutero em 1545: “É infelizmente inegável e manifesto que ninguém, tratando de fé e de assuntos graves e importantes, escreveu jamais de modo tão áspero, tão rude, inconveniente e contrário à moderação e bons costumes cristãos como Lutero” (4) Grande reformador da Igreja!

Mentira: Erasmo de Roterdan, este também escreveu a Lutero: “revelarei a todos que mestre insigne és em falsificar, exagerar, mal dizer e caluniar. Mas já toda gente o sabe...” (5) Grande reformador da Igreja!



Blasfêmia: Há certas coisas que uma pena limpa não pode escrever. Assim, não queremos chocar os olhos dos nossos leitores com a publicação de algumas das muitas blasfêmias que Lutero pronunciou. Mas se o Sr. Rivanor é um estudioso do assunto, ele sabe bem o que queremos dizer. Poderá, por exemplo, verificar nos “Propos de table”, no. 1472, edição de Weimar, tomo II, pg. 107, a horripilante blasfêmia a respeito de Nosso Senhor Jesus Cristo. Os “Propos de Table”, como o Sr. Rivanor deve saber, são as mais autorizadas fontes sobre Lutero, escritas em sua presença, por seus próprios discípulos. Há a transcrição dessa blasfêmia em “Lutero”, de Funck Brentano (Ed. Vechi, Rio de Janeiro, 1943, pg. 217). Se o Sr. Rivanor quiser, poderemos lhe enviar uma cópia de trecho pelo correio...

LUTERO e a mula de Balaão

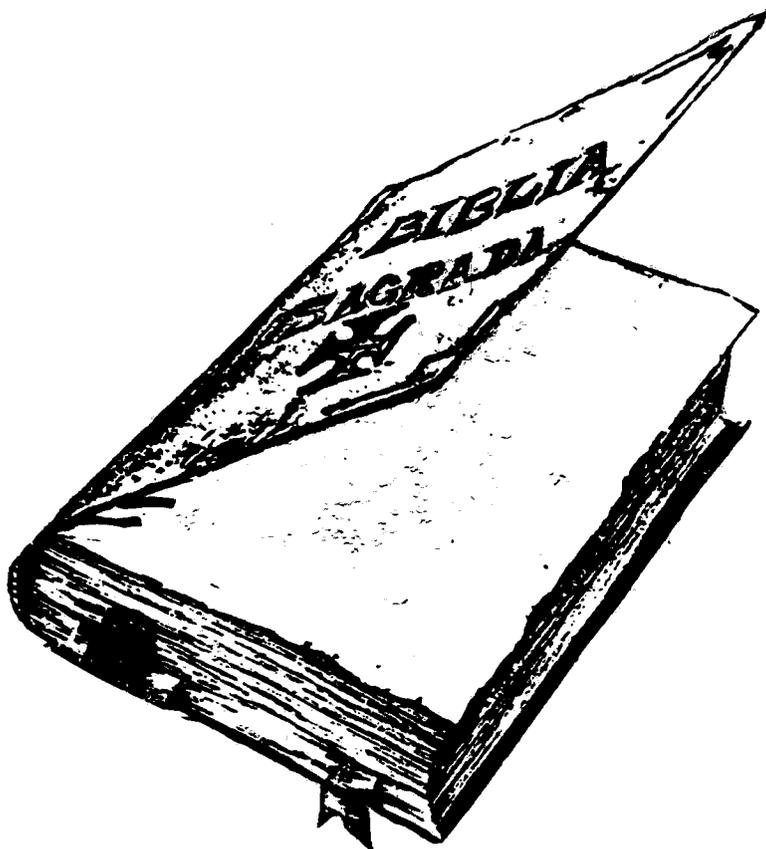
Mas é preciso reconhecer que, apesar de adúltero, mentiroso, mal-educado e blasfemo, Lutero, de vez em quando, dizia algo de bom. Se até mesmo a mula de Balaão chegou a falar verdades (Núm., 22, 28 a 30), por que Lutero não falaria também? E assim, procurando, procurando, acabamos por encontrar uma afirmação de Lutero com a qual se pode concordar. Estamos certos que o Sr. Rivanor concordará conosco também. Afinal, é o “grande reformador” quem fala... Eis a citação:

“Reconhecemos que no papismo (isto é, na Igreja Católica) existe a verdadeira escritura sagrada... Devemos confessar a verdade: no papismo encontra-se a palavra de Deus, a missão apostólica, o verdadeiro batismo, o verdadeiro sacramento do altar, as verdadeiras chaves para a remissão dos pecados, o verdadeiro catecismo... E quanto à Sagrada Escritura, e ao púlpito, é dos papistas que os tomamos. Sem o papismo, o que seríamos nós?” (6)

Que surpresa, Sr. Rivanor! Então, até mesmo Lutero, num momento de sobriedade, chegou a reconhecer a veracidade da Igreja Católica! E agora? O senhor ainda o vai considerar um “grande reformador”?



Há “fundamento bíblico” para a devoção à SANTÍSSIMA VIRGEM?



Deixemos o charco, e caminhemos para o sol. Esqueçamos a triste figura do apóstata, e contemplemos “Aquela que caminha como a aurora, formosa como a lua, brilhante como o sol, terrível como um exército em ordem de batalha” (Cant., 6, 9). Saudemos Aquela Senhora “vestida de sol, tendo a lua debaixo de seus pés, e uma coroa de doze estrelas sobre sua cabeça” (Apoc., 12, 1). Voltemo-nos para a Santíssima e Bem-Aventurada Sempre Virgem Maria, e agradeçamos ao Sr. Rivanor por nos ter proporcionado mais esta ocasião para A louvar.

O Sr. Rivanor nos pergunta se tivemos fundamento bíblico para escrever que, “Se Nossa Senhora nos guiar, chegaremos ao Reino de Deus”. E argumenta em contrário citando o Evangelho de São João, onde Nosso Senhor ensina: “Eu Sou o Caminho, e a Verdade, e a Vida; ninguém chega ao Pai senão por Mim” (São João, 14, 6).

Em primeiro lugar, não entendemos a lógica da pergunta. Por acaso, a existência de um caminho impede que haja um guia? Se é verdade, (como de toda alma professamos), que Nosso Senhor é o Único Caminho, o que impede que Nossa Senhora nos indique esse Caminho, e por ele nos conduza ao Céu?



Em segundo lugar, gostaríamos de perguntar ao Sr. Rivanor: uma coisa precisa ter fundamento bíblico para ser verdadeira? Há, por exemplo, certas seitas protestantes, proíbem beber, ou fumar. Qual é o fundamento bíblico para essas proibições? Melhor ainda, diga-nos Sr. Rivanor: qual é o fundamento bíblico de que a Bíblia é verdadeira? Examine a Sagrada Escritura, desde a primeira frase do Gênesis, até a última linha do Apocalipse. Agora, diga-nos: onde está afirmado que a Bíblia é a única regra de fé? O senhor sabe muito bem que em lugar nenhum.



Portanto, Sr. Rivanor, segundo o seu raciocínio, toda a Bíblia estaria errada, pois não tem “fundamento bíblico” para a justificar...



Mas, apesar dessa “falta de fundamento”, nós somos Católicos, Apostólicos, Romanos, e acreditamos no que dizem as Sagradas Escrituras, porque assim a Santa Igreja Católica nos ensinou. E embora sabendo que isso não é necessário, ficamos imensamente felizes em encontrar também nas Sagradas Escrituras trechos que cantem a glória da Mãe de Deus.

Abra portanto a Bíblia, Sr. Rivanor, e acompanhe o nosso raciocínio, conferindo as nossas citações:

1º. Nós podemos e devemos rezar uns pelos outros.

Estamos certos de que aqui o Sr. Rivanor concorda conosco, pois há uma enorme quantidade de “fundamentos bíblicos” para essa afirmação. Por exemplo:

- a) No Gênesis, Deus manda que Abimelec entregue Sara a Abraão, dizendo: “...Ele é profeta, e rogará por ti, e tu viverás” (Gen. 20, 7).
- b) No Evangelho de São Mateus, Nosso Senhor ensina: “...orai pelos que vos perseguem e caluniam” (São Mateus, 5, 44).
- c) Na epístola aos Filipenses, São Paulo “sabe que se salvará, graças à oração dos fiéis” (Filip., 1, 3).
- d) Na epístola aos Colossenses, o mesmo São Paulo afirma que “reza sempre por eles” (Col., 1, 3).



2º. Os santos no céu podem rezar por nós

Também aqui, o Sr. Rivanor não nos irá desmentir, uma vez que os “fundamentos bíblicos” são evidentes:

- a) No Apocalipse, São João vê os anciãos com “taças de ouro cheias de perfume, que são as orações dos santos” (Apoc., 5, 8).

b) No mesmo Apocalipse, lemos ainda que os santos do céu "clamam a Deus" (Apoc., 6, 10).

c) No Evangelho de São Lucas, Nosso Senhor nos ensina que devemos granjear amigos, para que estes "nos recebam nas moradas eternas" (portanto, como santos) (São Lucas, 16, 9).

3º. Nós podemos pedir a intercessão dos santos.

a) No livro de Judite, os anciãos a ela se dirigem, dizendo: "Agora, ora por nós, porque tu és uma mulher santa e temente a Deus" (Jdt., 8, 29).

b) No 1º. Livro dos Reis, está escrito: "O povo disse a Samuel: 'Roga ao Senhor teu Deus pelos teus servos'". (1 Rs, 12, 19).

c) No livro de Jeremias, lemos que Sedecias envia emissários ao profeta, dizendo: "Pede por nós ao Senhor nosso Deus." (Jer, 37, 3).

d) No livro de Jó, vemos que Deus só perdoa Elifaz, Baldad e Sofar porque eles pediram a intercessão de Jó, e "o Senhor atendeu a Jó" (...Jó, 42, 8 a 10).

Muito bem Sr. Rivanor. Agora que o sr. já conferiu tudo, e concorda conosco que as três afirmações acima estão repletas de "fundamento bíblico", nós perguntamos: se nós pudéssemos pedir a intercessão dos santos, e se os santos nos podem ajudar, porque não podemos pedir a intercessão de Nossa Senhora, e porque Ela não poderia ajudar? Por acaso Ela não é santa? Enganou-se então o anjo ao chamá-la "cheia de graça" (S. Lucas, 1, 28)? Mentiu Santa Isabel? Ao proclamá-la "Bendita entre todas as mulheres"(S. Lucas, cap. 1, 42)?

Não está em sua bíblia Sr. Rivanor, que a própria Mãe de Deus afirmou que "todas as gerações a chamarão bem-aventurada" (S. Lucas 1, 48)?

Por acaso Ela não pode interceder? Enganou-se então o próprio Nosso Senhor

quando iniciou seus milagres especialmente porque Ela os pediu (S. João 2, 1 a 10)?

O sr. procura fundamentos bíblicos, Sr. Rivanor? Se o sr. é realmente honesto nessa procura (como acreditamos), estamos certos que o sr. concordará que tais fundamentos existem, e aos montes. E então, o sr. não porá objeção em repetir conosco: "Ave Maria cheia de graça, o Senhor é convosco (S. Lucas, 1, 28)... "Bendita sois Vós entre as mulheres, e bendito é o fruto de Vosso ventre Jesus (S. Lucas 1, 42). E depois, Sr. Rivanor, imite os anciãos que se dirigiam a Judite (Jdt, 8, 29), e humilde e confiantemente, conclua: Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores agora e na hora de nossa morte, Amém.



Que a Santíssima Virgem Maria interceda junto ao Seu Divino Filho, e lhe obtenha as graças que o sr. mais necessita, é o que sinceramente lhe deseja

"O Desbravador".

- 1) De Wette, "Cartas de Lutero", Berlim, 1.825-1.828, volume II, pgs.40 e 41, in Leonel Franca, "A Igreja, a Reforma e a Civilização", 7ª. edição, São Paulo, 1.958, pg. 184.
- 2) De Wette, II, pg. 655 - Idem, Ibidem, pg. 185.
- 3) De Wette, II, pg.6 - Idem, Ibidem, pg. 186.
- 4) Doellinger, "Die Reformation", III, 263 - Idem, Ibidem, pg. 199.
- 5) Gisar, "Luther", II, 452 - Idem, Ibidem, 200.
- 6) "Leonel Franca", "A Igreja, a Reforma e a Civilização", Rio de Janeiro, 1.958, Tomo II, pg. 228 - (O autor cita a fonte protestante).o

Um Santo na visão de um Historiador

São João Maria Vianney

Michel Randon

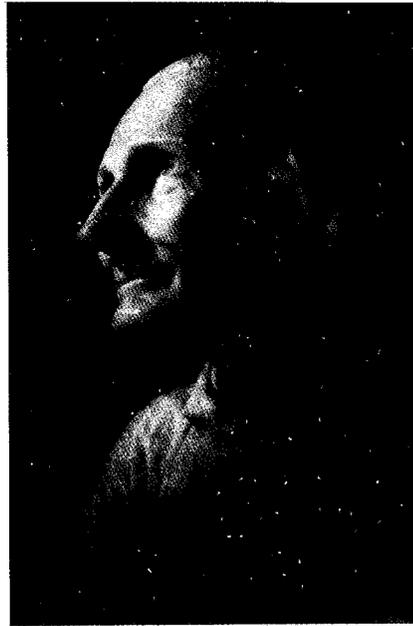
Todos os dias, a praça do pequeno vilarejo d'Ars, é tomada desde as 6 horas da manhã até as 2 da madrugada, por uma comoção extraordinária. O vilarejo conta com apenas 200 habitantes, mas não há um momento sem que dezenas de *coches* e diligências desembarquem grupos de mulheres, de homens, de crianças, todos dispostos a suportar todos os sacrifícios. Terão de esperar pacientes sobre a praça de dez a doze horas, suportar o frio, permanecer sem comida e sem sono. Tudo isso para chegarem até uma caixa mal arranjada, rude e estreita, quase escondida à direita da igreja.

Como um autômato meio ébrio pela fadiga, a face enrugada, cada um ajoelha-se aí por 2, 3, raramente mais que 5 minutos. É o suficiente. É o suficiente para que daí se saia com uma fisionomia nova, desrugada, o mais freqüentemente molhada de lágrimas.



Junto a essa caixa é operado uma vez mais um milagre que vem acrescentar a outros milhares de milagres: aquele da conversão de uma alma. A repercussão desse fenômeno fez curso pela França, pela Europa...

Um homem se mantém nessa caixa, como que crucificado por reumatismo e dores. 16 a 18 horas por dia. Aqueles que o vêem imaginam ter uma visão: um homenzinho definhado como um sarmento seco, de mãos raquíticas, dedos longos e palmas largas. Sua face parece ter sido aparada com o fio da espada. Um nariz aquilino, saliente, fronte larga, coroada de cabelos brancos que caem de um lado e de outro. Mas o que cada um vê, são os olhos, olhos que cativam - e impressionam a fundo todos aqueles que o encaram.



O homem desse olhar é um confessor, talvez o maior confessor de todos os tempos. Seu nome: Santo Cura d'Ars.

Quando ele nasceu, 8 de maio de 1786, em Dardilly, um vilarejo de mil habitantes próximo de Lyon, a Revolução e o ódio contra a religião católica vão afogar a França num banho de crimes e de sangue. Seus pais, camponeses pobres, mas católicos heróicos, não hesitam em conduzi-lo junto com seus três irmãos para as granjas e as masmorras, onde, correndo risco de vida, alguns fiéis vão rezar em companhia de um padre contra-revolucionário.

A oração torna-se uma aventura cada vez mais perigosa. Os soldados de Fouché não dão trégua. O pequeno João Maria Vianney reza em segredo, em público, diante de seus colegas, que caçoam.

João Maria é um menino piedoso, é verdade, mas na escola, os ensinamentos mais rudimentares não fixam na sua idéia, malgrado ele passar várias noites em claro tentando memorizar algumas frases.

Quando, com 17 anos, ele pede aos seus pais, a permissão para entrar no seminário, a recusa é direta e sem discussão. Precisa-se dele para trabalhar na terra. Além disso, mesmo sendo ele muito piedoso, como poderá aprender o latim para receber as ordens?

Dois anos mais tarde, obtido enfim o consentimento, ele corre, com a fisionomia fogaosa, para o bom padre Balley, cura de Écully.

O velho padre que forma alguns seminaristas não pode receber um a mais. João Maria suplica. Ele recusa recebê-lo em princípio, mas depois o aceita. A entrevista é curta. Mas o padre Balley, com fama de santo, diz apenas o seguinte:

- Farei de ti um sacerdote.

O que João Maria temia acontece. Os nomes latinos produzem uma sarabanda louca na sua cabeça, depois se apagam sem deixar nada. Ele se desespera.



Seu insucesso o angustia: em vão, até o dia em que a folha de conscrição vem consumir a derrota. Ele tem 23 anos. Com o coração pesado, ele parte, com passo cadenciado, com os ombros arcados com um saco de 30 quilos. Avisam-no que seu batalhão irá anexar-se ao exército dos Marechais, a caminho da Espanha. Um calvário de 900 quilômetros a percorrer. Ele não resiste. Adoece e ao restabelecer-se prefere desertar e se refugiar entre os refratários do Império.

Começam dois anos de uma vida febril e marcada por ameaças, que só terminam com a anistia concedida por Napoleão depois do casamento com Maria Luísa.

“QUANDO SE TRATA DE SERVIR UM BOM PAI, PRECISAMOS ESTAR PRONTOS A SACRIFICAR TUDO”

(São João Bosco)

Assim que chega em Écully, a rotina de outrora recomeça. As regras da gramática latina trazem sempre na sua cabeça uma ronda trágica. Ele luta, mas termina suas horas de esforços, esgotado e amargurado. Ele não será padre.

No seminário de Verrière, onde sua idade lhe valeria o título de "deão", ele permanece no fundo da sala, tratado como um camponês ignorante e canhestro. No ano seguinte, o seminário de Sante-Iréne, fecha-lhe terminantemente a porta no sexto mês, tirando-lhe toda esperança do sacerdócio.

Sem pestanejar, o padre Balley intervém dizendo:

- Mais vale um bom padre sem latim do que um sábio sem coração.

O bispado adota esta posição e a ordenação é enfim acertada. Ele tem 29 anos.

Mas esse padre, sem latim, ainda é alvo de suspeitas. Ele será vigário desse bom Balley, que não lhe pedirá muito.



Dois anos mais tarde, o padre Balley morre. O novo cura de Écully, um "bon vivant", mal tolera as austeridades de seu vigário. Como conviver com um padre simples de espírito, que fala pouco e se contenta com um naco de pão com leite? Ademais, que é visto, pela manhãzinha, prostrado, com a face na laje fria, diante do altar-mor.

O bispado não tarda em agir com rigor: a 30 quilômetros dali, há uma pequena aldeia perdida; a igreja está deserta, desfigura, ameaçando ruir.

- Não há muito amor a Deus nessa paróquia. Você o conseguirá, lhe diz o bispo, ao nomeá-lo vigário capelão de Ars.

E ele conseguirá. Em alguns minutos ele dá uma volta pela aldeia. Os camponeses se mostram fechados e caçoam da silhueta de famélico do jovem padre.



E de fato ele se prosterna diante do altar-mor na capela fria onde se agita o vento de fevereiro. Mas ele o faz como uma primeira vigília de armas: em oração.

- Eu peço somente de Vos dar a minha vida, Senhor, para a conversão dos pecadores.

Depois, sem demora, ele une à oração, a ação. Com temor, as famílias o vêem bater às suas portas. Abrem-lhe, porque não há outro meio, mas permanecem calados. Ele fala, observa-os um por um, anota cuidadosamente seu nome nas páginas de seu breviário, e sai fazendo carinhos para as crianças. Não lhes pede para irem à missa. Aos poucos começam a freqüenta-la.

Uma vez transposta a porta da igreja, as coisas mudam. De pé no meio do coro, ele fala. Suas palavras soam num tom grave, cheia de bondade, mas elas queimam. Cada uma de suas expressões é uma interpelação: contra o baile, contra a freqüência de cabarés, contra o trabalho no Domingo. Troveja contra as modas indecentes.



Passado algum tempo as mulheres começam fazer o que diz o Santo Cura d'Ars. A freqüência aos cabarés se tornam raras.

Desencadeia-se na surdina uma campanha de difamação. Uma porção de cartas anônimas carregadas de indecências atulham o vigário de Ars. Cria-se uma atmosfera hostil, as calúnias são feitas em público. A igreja fica novamente deserta. Todas as tardes, uma megera reúne algumas pessoas na praça e dizem contra ele inúmeras obscenidades.

O padre Vianney se cala.

"Se eu soubesse o que teria de sofrer ao chegar em Ars, teria morrido", diria ele mais tarde. Mas ao mesmo tempo considera essas horas "como as mais belas de sua vida".

A tormenta parece não ter mais fim, - dura, dura até quase ao esgotamento - durante 8 anos.

Ele mantém-se firme. Até que os quatro ou cinco cabarés fecham, por falta de clientes - até o momento onde as piores infâmias lhe são repetidas por seus acusadores - mas no confessionário.

Ele não canta vitória. Até hoje, ainda nota-se no seu quarto, manchas de sangue, indicando o enorme preço de suas conversões. Ninguém, talvez, teria tomado conhecimento de suas tremendas penitências, se não tivessem visto os cilícios bordados de longos pregos pontiagudos e as cadeias de ferro. Todas as noites, ele infringia a disciplina, batendo com estes instrumentos no seu dorso. "Eram loucuras de juventude", diria ele mais tarde.

Sua vida é um milagre. Dorme apenas duas horas, no próprio solo. Uma marmita de batatas cozidas lhe serve de alimento por uma semana.

Durante suas mortificações, fenômenos estranhos acontecem. O demônio odeia as horas de seu magro repouso.

Uma noite, a sua casa parece ser assaltada por uma tormenta. A porta de entrada abre-se de forma assustadora. Ele desce a escada firmando-se com os pés e mãos. Um golpe invisível atinge a porta de alto a baixo. Mas do lado de fora reina a mais completa calma.

De um momento para outro a sua fama de santo espalha-se como um rastilho de pólvora por toda a França. Desde 1828, 120 mil peregrinos acorrem anualmente a Ars.

Ele, o pobre cura camponês, o pregador inábil que tem por conhecimento o fogo de sua palavra e a ciência do coração, vê a sua igreja repleta de prelados ilustres. O clero que o ignorava está agora esperando pela sua palavra. Seu bispo, D. Devis, vem em pessoa revesti-lo de manto de camurça de cônego. Napoleão III entrega a "seu primeiro padre da França" a insígnia da Legião de Honra. Ele não sabe mais o que fazer, procura se defender.

Milhares de pessoas enchem-no diariamente com suas súplicas inexoráveis. Revirando 18 horas por dia no confessionário, ele age como cirurgião de almas. Mal o paciente ajoelha-se e já se apresenta-lhe toda sua vida de pecados. Por momentos, a voz do padre se detém, realça certas regiões escuras, desliga as chagas. Os mais empedernidos, os duros de alma, não resistem a esse tratamento.

Aos que o santo chama de "peixes gordos" é dispensada uma atenção especial. Vai ele mesmo buscá-los no meio da multidão que se aglutina na igreja. O tipo duro, perdido na multidão, aguarda, com ar chocarreiro, o que está para acontecer. O santo avança. Respeitosamente, as pessoas se afastam. E antes que tenha tempo de resistir, os olhos do santo fixam nos seus ao mesmo tempo que o convida para a confissão.



Nunca se viu alguém que o resistisse.

Essas confissões as vezes se arrastavam horas a fio. Mas dali saía alguém com a face mudada e muitas vezes banhada em lágrimas.

Os cabelos de João Vianney desde há muito já esbranquiçaram. Sua fisionomia está um pouco mais emagrecida, seus olhos aumentaram de tamanho. Ele tem 66 anos. Ele quer partir para poder satisfazer sua única tentação: buscar a solidão do Carmelo. Mas os habitantes da região não deixam.

Seis anos mais tarde, 4 de agosto de 1859 deixa cair de sua mão a última bênção.

Desde o início de janeiro, milhares de peregrinos e mais de 10 mil padres vão rezar para aquele que se tornou seu "seu santo padroeiro".

COLABORE COM O DESBRAVADOR

- Atravessamos dias difíceis. É sabido que ocorrem dificuldades financeiras em nosso país.
- Quanto a nós, os gastos cresceram de forma assustadora. Só para darmos um exemplo, a tarifa de correio aumentou-nos consideravelmente.
- Não queremos e não podemos mudar o que nos propusemos desde o nosso primeiro número, qual seja, "O Desbravador" deve ser gratuito e, com auxílio de Nossa Senhora, continuará a sê-lo.
- Mas, mais uma vez pedimos sua colaboração. Qualquer quantia é preciosa. Basta você ir aos bancos mencionados, em qualquer agência deles, e fazer o depósito nas contas que seguem.

BANCO ITAÚ

CONTA CORRENTE 00433 - 0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP

BRADESCO

CONTA CORRENTE 24019 - 2 (agência 278-0 - Gasômetro) São Paulo - SP

Em nome de GRÊMIO SANTA MARIA

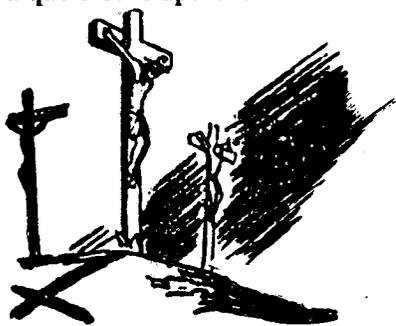
QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE

Da paciência nas enfermidades

Santo Afonso Maria de Ligório

Antes de tudo deve-se praticar a paciência nas enfermidades. Elas são a pedra de toque de nossos sentimentos e dão a conhecer se eles são ouro puro ou só ouro pel.

Muitos têm bom humor, são pacientes e devotos enquanto gozam de boa saúde; atacados, porém, por alguma doença, cometem mil faltas e ficam inconsoláveis; mostram-se impacientes para com todos, mesmo aqueles que os assistem por caridade; queixam-se da menor dor, da menor indisposição; queixam-se de todos, do médico, de seus pais, daqueles que os tratam, etc. Isso mostra que o ouro aparente é cobre.



Mas eu padeço tanto, dirá alguém, e nem sequer me poderei queixar, ou comunicar aos outros o que sofro? Não te proíbo externar tuas dores quando são muito fortes; quando, porém, são insignificantes, é uma fraqueza te queixares a cada um e desejar que todos tenham dó de ti. Quando os remédios não ajudam, debes praticar a paciência e te entregar inteiramente nas mãos de Deus.

“Se conhecêssemos o grande tesouro escondido nas doenças, diz S. Vicente de Paulo, as receberíamos tão alegremente como quando se recebem os maiores favores”.

Esse Santo suportou, sem uma palavra de queixa, as mais violentas dores que lhe ocasionavam suas enfermidades contínuas, as quais eram tão grandes que, muitas vezes, não tinha descanso nem de dia, nem de noite, e, contudo, guardava sempre uma tal serenidade que parecia que tinha a sofrer.

Oh! Como é edificante guardar sempre a tranqüilidade e a resignação no tempo da doença.

Era o que se dava com S. Francisco de Sales, que, quando estava doente, expunha simplesmente seu estado ao médico, obedecia-lhe pontualmente, tomando todos os remédios prescritos, por mais repugnantes que fossem, e ficava então inteiramente tranqüilo, sem se queixar de suas dores um instante só.

Que belo exemplo para aqueles que não cessam de queixar-se do menor mal-estar e que devem Ter continuamente ao redor de si parentes e amigos para se compadecerem de seu estado.

“Aprendei a padecer por amor de Deus, dizia S. Teresa, e não queirais que cada um o saiba” (Cam. da perf., c. 12).

Por uma graça especial do Divino Salvador, o venerável Pe. Luís da Ponte foi uma vez, em Sexta-feira santa, atacado por tantas dores corporais, que tinha de sofrer um tormento especial em cada parte de seu corpo. Isso comunicou a um de seus amigos, mas apenas o fez se arrependeu tanto que fez o voto de nunca mais confiar a pessoa alguma o que tivesse de sofrer no futuro.

Disse eu acima, por uma graça especial de Deus, porque os santos recebem as doenças e sofrimentos que Deus lhes envia como favores especiais de sua mão.

Alguns doentes clamam talvez em sua impaciência: onde está a caridade? Vede como se esquecem de mim e me abandonam neste leito de dores?

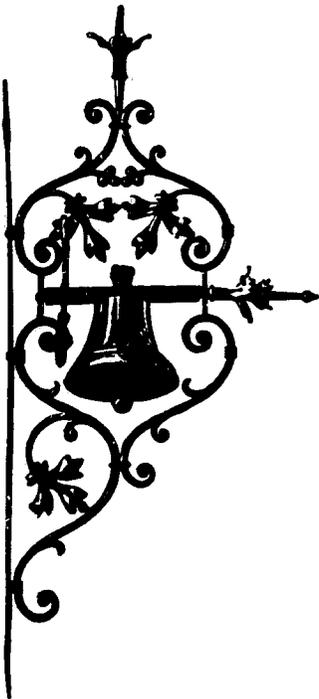


Pobres doentes! Eu vos lastimo não por causa de vossa doença, mas por causa de vossa falta de paciência, que vos torna duplamente doentes, a saber, no corpo e na alma.

Os outros se esqueceram de vós, mas vós vos esqueceréis de Jesus Cristo, que, abandonado por todos, morreu numa cruz por amor de vós. Por que vos queixais destes ou daqueles?

Queixai-vos de vós mesmos por terdes tão pouco amor a vosso Divino Salvador e, por isso, tão pouca paciência.





A uma senhora piedosa, que sofria violentas dores, deram uma vez um crucifixo e aconselharam-na que pedisse ao Senhor que a libertasse de suas dores. A isso respondeu: como podeis pretender que eu deseje descer da cruz, tendo nas mãos meu Salvador crucificado? Quero padecer de bom grado por amor daquele que, por amor de mim, quis padecer dores muito maiores que as minhas.

Foi igualmente isso o que disse uma vez Jesus Cristo a S. Teresa, achando-se ela doente e sentindo grandes dores. Ele apareceu-lhe coberto de chagas e disse-lhe: contempla estas feridas, minha filha, nunca tuas dores serão tão grandes. Por isso a santa, quando padecia alguma enfermidade, costumava dizer: "quando eu considero de quantos modos padeceu o Salvador, ele que era tão inocente, não sei como poderei me queixar de minhas dores"

"Muitos nunca se teriam santificado, se tivessem tido uma boa saúde", diz Salviano. E, de fato, lemos dos santos que eles todos, com pequena exceção, estavam sujeitos a várias doenças. Por isso continua Salviano: "Aqueles que se consagraram ao amor de Jesus Cristo são doentes e querem ser doentes".

Outros dizem: eu não me queixo de estar doente, mas dói-me não poder ir à igreja, nem comungar, nem rezar e ser pesado aos outros.

Permite-me que responda a cada uma dessa queixas em particular.

Dizei-me, por que desejais ir à igreja receber a Santa Comunhão? Para guardares a Deus, não é? Muito bem; mas se agora é do agrado de Deus que não vás à igreja e não comungues, mas que esteja presa a teu leito de dores, que motivo tens então para te lamentares?

Ouve o que escreveu uma vez o bem-aventurado João d'Avila a um sacerdote enfermo: meu amigo, não penses agora no que havias de fazer se estivesses são, mas resigna-te em estar doente enquanto for isso agradável a Deus. Se buscas a vontade de Deus, que te importa estar doente ou não?

S. Francisco de Sales afirma que melhor se serve a Deus quando se padece do que quando se trabalha.

Dizes também que não podes rezar. Por que não? Concedo que não possas meditar; que te impede, porém, volver tuas vistas a Jesus Crucificado e oferecer-lhe as dores que sofres?

Fazes a mais bela oração se, no meio de teus sofrimentos, te conformares com a vontade de Deus, unires tuas dores com os sofrimentos de Jesus Cristo e as ofertares em sacrifício a Deus.



Assim procedia S. Vicente de Paulo quando se achava gravemente doente. Transportava-se placidamente à presença de Deus e não se esforçava muito em fixar sua atenção em um ponto determinado, mas contentava-se com excitar, de tempos a tempos, um ato de amor, de confiança, de agradecimento ou resignação, principalmente quando seus sofrimentos aumentavam.

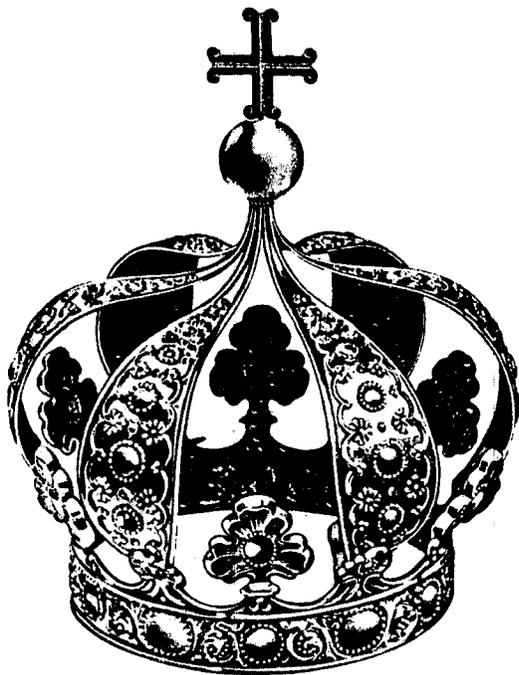
S. Francisco de Sales dizia: "quando se consideram as tribulações em si, causam elas assombro: consideradas, porém, em relação com a vontade de Deus, produzem alegria e contentamento" (Amor de Deus, 1, 9, c. 2).

Dizes, finalmente, que nesse estado não podes trabalhar e és pesado aos outros. Mas, como te submetes à vontade de Deus, deves supor o mesmo dos outros: eles vêem que não é por tua culpa que te tornas a eles pesado, mas porque Deus assim o quer.

Todos esses desejos e queixas não nascem do amor de Deus, mas do amor-próprio; queremos servir ao Senhor, não como lhe apraz, mas como nos agrada.

"O SENHOR SÓ DESEJA DE NOSSA PARTE UMA RESOLUÇÃO DECIDIDA, O RESTO ELE MESMO FAZ".

(Santa Teresa de Jesus)



Que tesouro de merecimentos não se podem adquirir só pela resignação na vontade de Deus durante o tempo da doença! O padre Baltasar Alvarez teve um dia a felicidade de ver a grande glória que Deus tinha preparado a uma freira, em recompensa da sua paciência em suportar uma enfermidade. Ele afirma que essa piedosa religiosa recolheu maiores merecimentos nos oito meses de sua doença que outras religiosas fervorosas em vários anos.

Com a paciência com que suportamos as doenças e mal-estar merecemos uma grande recompensa e talvez a maior que Deus nos preparou no céu.

Isso foi revelado a S. Liduína. Apesar de todos os seus sofrimentos, nutria a santa ainda o desejo de sofrer a morte de mártir. Sentindo ela uma vez um ardente desejo de receber essa graça, viu uma coroa sumamente brilhante mas ainda incompleta e conheceu que lhe estava destinada. Desejando, porém, que ela ficasse acabada, rogou a Deus que aumentasse seus sofrimentos. O Senhor a atendeu e, enviou-lhe soldados que não só a acabrunharam com insultos, mas também a espancaram barbaramente. Logo depois apareceu-lhe um anjo com a coroa acabada e disse-lhe que seus últimos sofrimentos tinham acrescentado as pedras preciosas que ainda faltavam; pouco tempo depois deixou ela esta vida pela eterna.

Muito particularmente devem os doentes se conformar com a morte, se está próxima sua última hora, seja qual for a espécie de morte que Deus lhes envia.

Afinal, que é a vida senão uma contínua tempestade, em que nos achamos continuamente em perigo de nos perder para sempre?

S. Luís Gonzaga, que morreu na flor da idade, recebeu alegremente a morte, dizendo: “Agora acho-me, como espero, na graça de Deus; porque não sei o que acontecerá mais tarde comigo, quero morrer agora, se aprouver a Deus chamar-me desta vida”.

Mas S. Luís foi um santo, dirás, e eu sou um pecador.

Ouve o que te responde o Beato João d’Ávila: “Se nossa alma se achar em um estado mediocrementemente bom, devemos desejar a morte para escapar ao perigo de perder a graça de Deus, ao qual estamos aqui na terra incessantemente expostos. Oh! quão desejável é obter a segurança, por meio da morte, de que não se pode mais perder a Deus”.

Mas até agora, dirás, não recolhi ainda merecimento algum para minha alma: desejo viver mais tempo para poder fazer algum bem antes de morrer. Quem, porém, te diz que não te tomarás pior no futuro? Que não cairás em pecado mortal e te perderás para sempre? Aqui no mundo ninguém vive sem pecado, ao menos sem pecado venial. Por isso diz S. Bernardo: “Por que desejas viver, visto que tanto mais pecamos quanto mais vivemos?” (Medit., c. 2).

Além disso, se amamos a Deus, devemos desejar vê-lo no céu face a face e amá-lo, se a morte, porém, não nos abrir a porta, não podemos entrar na pátria feliz. Por essa razão exclamava Santo Agostinho, abrasado de amor para com Deus: “Senhor, fazei que eu morra, para chegue a vossa visão” (Sol. Anim. Ad Deum, c. 1).

